

Vestido de Renda

Greicy Bellin¹

Sentados em volta do fogão à lenha nas noites frias de julho, nossos cabelos ficavam de pé e um calafrio percorria nossa espinha quando minha avó contava essa história incrível, que acabou virando lenda.

Há muito tempo morava naquele lugarejo o seu Olegário, que tinha uma filha linda, a Albertina. Tão bonita que o pai a tinha prendido dentro de casa, com medo de confusão. Saía na rua só para ir na missa de domingo, e era aquele fervor. Cabelo preto ondulado, comprido, olhos grandes cor de mel, boca carnuda e um colo perfeito, sempre realçado pelo decote do vestido. Uma beleza, a guria.

Pedido de casamento não faltava, mas era arisca que só vendo. Seu prazer era ficar enfiada em casa lendo aqueles romances do século XIX. Foram os livros, diriam depois de muita cachaça no boteco, quando se metiam a falar da vida dos outros. Mas tadinha da menina, não tinha como adivinhar.

Foi num baile em uma cidade próxima. As irmãs insistiram tanto para que ela fosse que o seu Olegário concordou. Pra quê. Chegando lá, era a guria mais linda da festa. Usava um vestido de renda branco, que contrastava com o cabelo de índia. Muito bonita. Logo começaram a convidar para dançar, mas ela não queria nem saber.

Era romântica, igual às heroínas dos romances que lia. Sonhava com homens muito diferentes daqueles que viviam na sua cidade, ou nas cidades vizinhas. Efeito dos malditos livros, diriam depois.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (2010).

A verdade é que eram todos uns toscos, inclusive seu pai. Tinha pena da sua mãe. Anos vivendo com um homem que mais parecia um javali, cheio de pelos e que grunhia enquanto dormia. Só por Deus mesmo.

O homem dos seus sonhos deveria ser moreno, com o cabelo escuro e meio comprido. Por isso ela se apaixonou quando viu o forasteiro. O caboclo, além de bonito, era articulado, tinha boa conversa. E não era burro: logo que viu a Albertina já foi se engraçando. Tirou ela para dançar, e ninguém acreditou quando viu essa guria rodando no salão com um homem desconhecido.

A menina ficou louca pelo forasteiro. Depois que conheceu ele no baile, saía de casa escondido para namorar. Sabe-se lá o que iam fazer no meio do mato... No boteco era só comentário maldoso, até porque o desconhecido ia lá tomar uns goles, jogar um carteadado. Era ligeiro, o desgraçado. Mal tinha chegado na cidade e conquistado a prenda mais bonita do lugar. Tinha nego com raiva, e até com inveja. Era bom de papo, e inteligente. No baralho não tinha pra ninguém.

Diz que um dia marcaram de se encontrar, e lá foi a Albertina, com o vestido de renda branco que tinha usado no baile. Sentou num banquinho que ficava embaixo de uma árvore pra esperar o forasteiro. Começou a se inquietar quando viu que tinha passado da hora dele chegar, e ficou mais nervosa ainda quando viu que estava anoitecendo. Um vento frio começou a soprar, mas tinha levado casaco, então dava pra aguentar.

Neste ponto da história, minha avó arregalava os olhos pra meter medo na gente. O fato é que a coitadinha da Albertina, enquanto esperava o namorado, ouviu um barulho estranho e se virou para ver o que era. Foi então que viu um cachorro preto, muito esquisito, de orelhas grandes. Ele uivou bem alto e avançou pra cima dela. A guria não pensou duas vezes e subiu no galho da árvore, tomada pelo horror. Pediu socorro, mas ninguém acudiu. Noite fechada, no meio do mato, quem é que vai ajudar? Ainda mais quando saem pra fazer coisa errada. Ao subir na árvore, a Albertina deixou pra fora um pedaço da renda do vestido, e seu terror foi tremendo quando o cão misterioso avançou pela última vez e arrancou um pedaço da renda, levando o pano entre os dentes. Ela desceu da árvore chorando, e foi embora

morrendo de medo de encontrar o cão no caminho para casa. Mas nada era igual ao ódio de ter levado um cano do forasteiro.

Dizem que passou a manhã seguinte na cama, falando que estava pestiada. No início da tarde, a mucama veio entregar um bilhete do namorado. Com raiva, a Albertina falou que não ia encontrar com ele de jeito nenhum. Mas ao final do dia mudou de ideia ao pensar que ele poderia ter acontecido alguma coisa, ou ter estado doente. Mulher é bicho burro mesmo, ainda mais na idade dessa guria, em que os hormônios falam mais alto do que a razão ou o medo.

Ao ver o forasteiro, levou um susto. O encontro era no mesmo lugar onde tinha aparecido o cão feroz. Queria contar tudo pra ele, mas de tudo esqueceu quando bateu os olhos no homem. Estava abatido, desganhado e com olheiras profundas. Deitou sua cabeça no colo dela, falando que estava cansado. Ela até começou a contar da noite passada, mas não deu cinco minutos e o caboclo estava no sono mais profundo, roncando de boca aberta. A Albertina começou a fazer carinho na cabeça dele, alisando os longos cabelos negros. Sentiu um frio na espinha que fez gelar seu coração. Entre os dentes do forasteiro, dava pra ver nitidamente a renda branca do vestido que ela usava na noite passada!